

# “Banco de Tempo-Florianópolis”: análise das características socioeconômicas de seus membros

*Michele Romanello*

Departamento de Economia e Relações Internacionais / Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

*Kamila Schneider Muller Pereira Ribas*

Pesquisadora independente

Recebido: 29/09/2019 Versão revisada (entregue): 13/02/2020 Aprovado: 06/03/2020

## Resumo

Um tipo interessante de moeda social é o “tempo”, o qual pode ser utilizado como moeda em uma determinada comunidade por meio de um Banco de Tempo. Analisando uma das primeiras experiências de banco de tempo desenvolvidas no Brasil, o “Banco de Tempo-Florianópolis” (BTF), o artigo tem como objetivo principal analisar as características socioeconômicas dos membros que dele participam. Utilizando-se a regressão logística, foi possível demonstrar que os membros do BTF têm características socioeconômicas distintas em comparação com os moradores da cidade de Florianópolis: indivíduos do sexo feminino, mais jovens, não brancos, ocupados, trabalhando no setor informal, com um nível de educação superior e com uma renda mensal maior têm maior probabilidade de serem membros do BTF. Os resultados podem ser úteis às administrações dos bancos de tempo para criar organizações com membros mais homogêneos do ponto de vista socioeconômico.

**Palavras-chave** | Banco de Tempo; economia solidária; Florianópolis; moedas sociais; regressão logística.

**Código JEL** | G21 J22 J54

## “Banco de Tempo-Florianópolis”: an analysis of the socioeconomic characteristics of its members

### Abstract

An interesting type of social currency is “time”, which can be used as currency in a community through a Time Bank. By analysing one of the first experiences of time banks developed in Brazil, the “Banco de Tempo-Florianópolis” (BTF), the article aims to show the socioeconomic characteristics of its members. By using logistic regression, it was possible to demonstrate that the BTF’s members have different socioeconomic characteristics in comparison to the residents of Florianópolis: female, younger, non-white, employed, working in the informal

sector, with higher education level and higher monthly income are more likely to be members of BTF. The results presented in this article can be useful to time-bank administrations to create organizations with members that are more homogeneous from a socio-economic point of view.

**Keywords** | Florianópolis; logistic regression; social currencies; solidarity economy; Time-Bank.

**JEL-Code** | G21 J22 J54

## “Banco de Tempo-Florianópolis”: un análisis de las características socioeconómicas de sus miembros

### Resumen

Un tipo interesante de moneda social es el “tiempo”, el cual puede ser utilizado como moneda en una determinada comunidad por medio de un Banco de Tiempo. Analizando una de las primeras experiencias de banco de tiempo desarrolladas en Brasil, el “Banco de Tiempo-Florianópolis” (BTF), el artículo tiene como objetivo principal analizar las características socioeconómicas de los miembros que en él participan. Utilizando la regresión logística, fue posible demostrar que los miembros del BTF tienen características socioeconómicas distintas en comparación con los habitantes de la ciudad de Florianópolis: individuos del sexo femenino, más jóvenes, no blancos, ocupados, trabajando en el sector informal, con un nivel de educación superior y con una renta mensual superior, tienen mayor probabilidad de ser miembros del BTF. Los resultados pueden ser útiles para las administraciones de bancos de tiempo para crear organizaciones con miembros más homogéneos desde el punto de vista socioeconómico.

**Palabras clave** | Banco de Tiempo; economía solidaria; Florianópolis; monedas sociales; regresión logística.

**Código JEL** | G21 J22 J54

### Introdução

As moedas sociais<sup>1</sup> estão crescendo no mundo todo e são desenvolvidas de diversas formas. Elas têm uma história longa e importante fora do Brasil: em geral, surgem em situações de recessão econômica quando a escassez de moeda dificulta a atividade econômica normal, mas, recentemente, vêm sendo implementadas para alcançar objetivos sociais, ambientais e econômicos, além de alívio aos efeitos negativos das crises. Um tipo interessante de moeda social é o “tempo”, o qual pode ser utilizado como moeda em uma determinada comunidade por meio de um banco de tempo.

---

<sup>1</sup> Moedas sociais são também chamadas de moedas locais (*local currencies*) ou moedas comunitárias (*community currencies*).

Um banco de tempo tem como objetivo reduzir a dependência dos membros do sistema monetário convencional e dos serviços sociais tradicionais por meio da criação de uma rede social na qual os membros possam trocar serviços. Neste tipo de sistema, todos os trabalhos têm igual valor; os serviços são valorizados apenas em termos do tempo gasto em fazê-los. Ao contrário do escambo, um membro pode fornecer um serviço a uma pessoa e receber um serviço de outra pessoa na rede. Há também muitas oportunidades para trocar serviços com a própria organização, como por meio de projetos sociais ou ajudando na administração do banco. Um banco de dados central (o “banco”) registra as horas acumuladas pelos bens/serviços prestados e as horas gastas pelos bens/serviços recebidos.

Mesmo que o banco de tempo seja difuso em todo o mundo, tornando-se uma realidade importante e, portanto, estudado em pesquisas acadêmicas no Reino Unido, nos Estados Unidos e outras regiões do mundo<sup>2</sup>, a mesma difusão não pode ser registrada no Brasil e, conseqüentemente, a literatura brasileira sobre esse tema é limitada.

Portanto, um dos objetivos desse trabalho é contribuir para a literatura brasileira sobre banco de tempo, analisando uma das primeiras experiências de banco de tempo desenvolvidas no Brasil: Banco de Tempo-Florianópolis (BTF).

O BTF é um banco de tempo criado na cidade de Florianópolis. Ele está nas fases iniciais de vida, mas demonstra ser uma organização em rápido crescimento: foi criado em meados de 2016 e, em pouco meses, aumentou consideravelmente o número de membros, atingindo aproximadamente 1.900 membros em junho de 2017.

O número de membros pode ser considerado elevado. Para fins de comparação, nos Estados Unidos, os bancos de tempo têm, em média, 203 membros, sendo três o número mínimo encontrado e 2.400 o máximo (COLLOM; LASKER; KYRIACOU, 2012)

Este artigo tem como objetivo principal analisar quais são as características socioeconômicas dos membros que participam do BTF. Para alcançar esse objetivo, a metodologia que será utilizada é a de regressão logística, uma técnica econométrica por meio da qual será possível identificar quais características socioeconômicas aumentam a probabilidade de um indivíduo ser membro do BTF.

O ensaio está dividido em três seções, excluindo a introdução e a conclusão: a primeira apresenta a revisão da literatura sobre as pesquisas relativas às moedas sociais e aos bancos de tempo; a segunda introduz o BTF, utilizando também indicadores de participação dos membros; e a terceira mostra os dados utilizados na regressão logística e comenta os resultados obtidos.

---

<sup>2</sup> Os bancos de tempo operam em 22 países que abrangem seis continentes. A Inglaterra tem cerca de 130 bancos de tempo e 53 bancos de tempo oficiais operam nos Estados Unidos (MARKS, 2012).

## Revisão da literatura

De acordo com Paul Singer (2002), a economia solidária, área na qual as moedas sociais podem ser incluídas, é descrita como uma reação à propagação da pobreza no capitalismo industrial do Reino Unido durante o século XVIII. Durante o fim do século XVIII e início do XIX, industriais britânicos mais inovadores perceberam que o nível de degradação das tarefas impostas aos trabalhadores limitava a elevação da produtividade e tentaram encontrar soluções na economia solidária.

A literatura internacional que explica as motivações do surgimento das moedas sociais é ampla e tem como ponto de partida as evidências dos problemas do sistema monetário atual. A partir de várias fontes da literatura – a maioria das quais não diretamente vinculadas ao banco de tempo, como Gessel (1958), Keynes (1973), Douthwaite (1996), Robertson (1999) e Jackson (2004) – podemos resumir os problemas do sistema monetário moderno em três pontos principais.

Em primeiro lugar, o fato de que o dinheiro não tem apenas a função de meio de troca, mas também é uma reserva de valor, incentiva as pessoas a acumularem dinheiro, retirando-o da circulação e, assim, reduzindo a quantidade disponível para as transações. No sistema econômico moderno, a escassez de dinheiro leva ao fato de que, por um lado, há pessoas com habilidades e trabalho a oferecer, porém, desempregadas e, por outro lado, há procura de bens e serviços não atendida pelo mercado, mas não há dinheiro suficiente para reunir os dois lados. Então, os resultados são desemprego e necessidades não atendidas.

Depois, as economias locais normalmente sofrem por causa do fato que o dinheiro pode fluir livremente de uma região para outra dentro de um país. A mobilidade do dinheiro leva à "fuga de capitais" para longe das áreas econômicas periféricas e na direção dos centros, reduzindo, assim, a disponibilidade de meios de troca em algumas regiões e comunidades.

Em terceiro lugar, o sistema econômico atual dá grande valor a alguns tipos de riqueza, mas não considera outros. Os custos e benefícios ambientais e sociais não são considerados nos preços econômicos, dado que o processo econômico de tomada de decisão não avalia esses custos e benefícios. Este fato leva a comportamentos econômicos que pioram a qualidade de vida das pessoas e o meio ambiente, mas que são completamente racionais dentro do contexto do mercado.

Passando à literatura sobre os bancos de tempo, uma maneira de categorizar essas organizações é pelos tipos de membros que elas incluem. O modelo tradicional de pessoa a pessoa (*person to person* - P2P) envolve trocas entre membros individuais. No modelo de pessoa para organização (*person to agency* – P2A), os membros de uma organização fornecem aos membros individuais acesso a serviços, recursos

ou instalações, em troca de voluntários que podem prestar apoio administrativo e operacional à organização. Os membros que ganham créditos por meio de voluntariado na organização podem ser (mas não necessariamente) os membros que utilizam os serviços das organizações. O modelo de pessoa para agência foi pioneiro no País de Gales pelo “*Timebanking Wales*” e “*Spice*” como forma de promover a coprodução de serviços prestados pela agência. O terceiro modelo, de organização para organização (*agency to agency – A2A*), permite o intercâmbio de habilidades e recursos entre duas ou mais organizações. O modelo de pessoa para pessoa é o tipo de banco de tempo mais básico e comum. No entanto, os modelos híbridos foram utilizados com êxito em vários contextos (HAWAII EXECUTIVE OFFICE ON AGING, 2014).

O BTF pode ser considerado um modelo híbrido: os membros do banco podem ganhar créditos de tempo em troca de bens e serviços (P2P) ou podem receber créditos de tempo em troca de contribuição para um projeto social (P2A).

Lisboa (2017) evidencia em seu trabalho como as trocas entre membros de uma sociedade são facilitadas por meio das novas tecnologias. Os efeitos econômicos e sociais da economia do compartilhamento não se limitam às iniciativas criadas em torno das inovações tecnológicas de comunicação do Vale do Silício. Existe uma mudança da postura, especialmente dos jovens, com as relações materiais que, agora, advém de relações interpessoais e institucionais pautadas na confiança. A facilidade de contato gerada pelas inovações comunicacionais entre demandantes e ofertantes (de produtos e serviços) implicam em relações mais diretas e descentralizadas entre as partes.

Considerando a literatura sobre as características dos membros, o primeiro fato que pode ser apresentado é que as mulheres normalmente são o gênero mais presente nos bancos de tempo.

Collom, Lasker e Kyriacou (2012) explicam que a maior presença feminina ocorre em função de o banco de tempo envolver atividades de cuidados, resultando em benefícios sociais mais atraentes para as mulheres. Além disso, os autores adicionam que a entrada de um novo membro normalmente acontece por meio de redes de amizade, que muitas vezes são homogêneas por gênero. Por meio de pesquisas sobre os bancos de tempo no Reino Unido, Seyfang (2003) mostra que 71% dos membros são de sexo feminino. A pesquisa de Collom, Lasker e Kyriacou (2012) evidencia o mesmo dado para os bancos de tempo dos Estados Unidos, onde 64% dos membros são mulheres.

A literatura internacional sobre banco de tempo considera também a idade como variável de participação. De acordo com Collom, Lasker e Kyriacou (2012), nos bancos de tempo dos Estados Unidos, 25% dos membros têm mais de 60 anos de idade. Além disso, a mesma pesquisa não encontra nenhuma associação entre a idade dos membros e a frequência de troca: membros mais velhos são tão ativos quanto os mais jovens.

A participação nos bancos de tempo depende da "disponibilidade de tempo", ou seja, a ausência de restrições pessoais. As pessoas que não são casadas, que vivem sem filhos, desempregadas ou aposentadas têm mais tempo discricionário para participar desses tipos de bancos (COLLOM, 2005).

Nos esquemas voluntários, o nível educacional é o primeiro preditor de participação. A educação aumenta o interesse político, a consciência cultural, as habilidades civis e a consciência da comunidade (COLLOM, 2005).

Estudos sobre moedas sociais sugerem que a maioria dos membros tem um nível elevado de educação. Os bancos de tempo em específico podem ser atraentes especialmente para estudantes que procuram experiências e oportunidades de voluntariado (COLLOM; LASKER; KYRIACOU, 2012).

A possibilidade de capacitar economicamente os desempregados e os subempregados por meio dos bancos de tempo foi enfatizada na literatura internacional. Estudos encontraram uma ampla gama de taxa de emprego em diferentes bancos de tempo. Nos EUA, por exemplo, de 34% a 69% dos membros eram empregados de meio período ou de tempo integral. Porém, os bancos de tempo atraem pessoas com rendimentos mais baixos (COLLOM; LASKER; KYRIACOU, 2012).

## **Banco de Tempo-Florianópolis**

O “Banco de Tempo-Florianópolis” foi criado a partir de um grupo de pessoas do coletivo *Zeitgeist Florianópolis*<sup>3</sup>, as quais se inspiraram no Banco de Tempo Garopaba, que já contava com cerca de seis meses de funcionamento em meados de 2015. Uma reunião com pessoas de todos os bairros de Florianópolis interessadas deu início ao projeto inicial. Em dezembro de 2015 o BTF foi oficialmente lançado.

O BTF tem sede na cidade de Florianópolis e aceita como membros somente pessoas residentes na cidade. Interessados em se tornar membro têm de se inscrever e indicar os tipos e as características dos bens e serviços que deseja fornecer. No site da BTF<sup>4</sup> existe uma lista de todos os membros especificando os bens e serviços fornecidos, assim, cada um pode encontrar o bem ou o serviço necessário.

---

<sup>3</sup> O movimento *Zeitgeist* é um grupo explicitamente em defesa da sustentabilidade global. Ele atua não apenas para difundir informações sobre as raízes de problemas sociais atuais, como, também, para expressar soluções lógicas – baseadas nos métodos científicos que temos à nossa disposição para atualizar e corrigir o atual sistema social. O objetivo é a criação de uma sociedade global verdadeiramente pacífica, responsável e sustentável.

<sup>4</sup> [http://www.btfloripa.com.br/talento\\_list/](http://www.btfloripa.com.br/talento_list/)

No BTF, o uso do dinheiro é proibido. O único meio de pagamento são as horas. Cada membro pode comprar (ou vender) um bem ou um serviço usando uma quantidade de horas. O preço, em horas, de bens ou serviços é decidido em comum acordo entre o vendedor e o comprador.

Cada novo membro que entra no BTF recebe os quatro créditos emprestados, que podem ser usados para fazer transações no sistema. Todo novo membro que entra na BTF gera 10 créditos para o banco: destes, quatro são emprestados ao novo membro e seis são usados para o projeto social do BTF. O movimento das horas utilizadas é atualizado pela administração do banco diretamente na página da rede social Facebook do BTF<sup>5</sup>: para esse fim, o comprador deve informar a administração do banco sobre o tipo de bem ou serviços recebidos, a hora da transação e o número de horas que foram trocadas.

O uso das redes sociais para a operação do BTF exclui a necessidade de deslocamento dos seus membros para poderem oferecer e buscar os bens e serviços. Em uma cidade em que o deslocamento urbano é um problema latente e exclui, especialmente, as pessoas em situação de vulnerabilidade financeira, esse é um fator decisivo para o desenvolvimento do BTF.

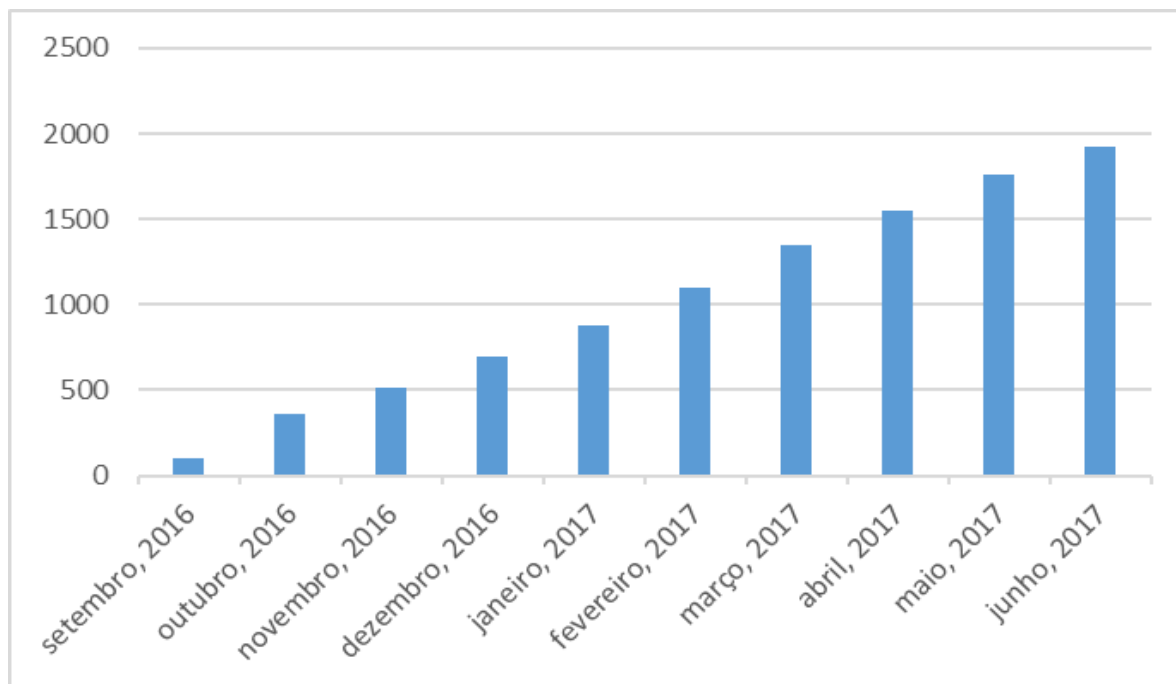
### **Participação no BTF: indicadores**

Os dados sobre membros ativos são mostrados na Figura 1: a participação no BTF está aumentando de forma rápida e constante nos poucos meses desde a sua criação, em agosto de 2016. O número de membros registrados como ativos passou de 105, em setembro de 2016, para 1923, em junho de 2017.

---

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com/groups/837082279745501/>

**Figura 1 – Número de membros ativos no BTF**

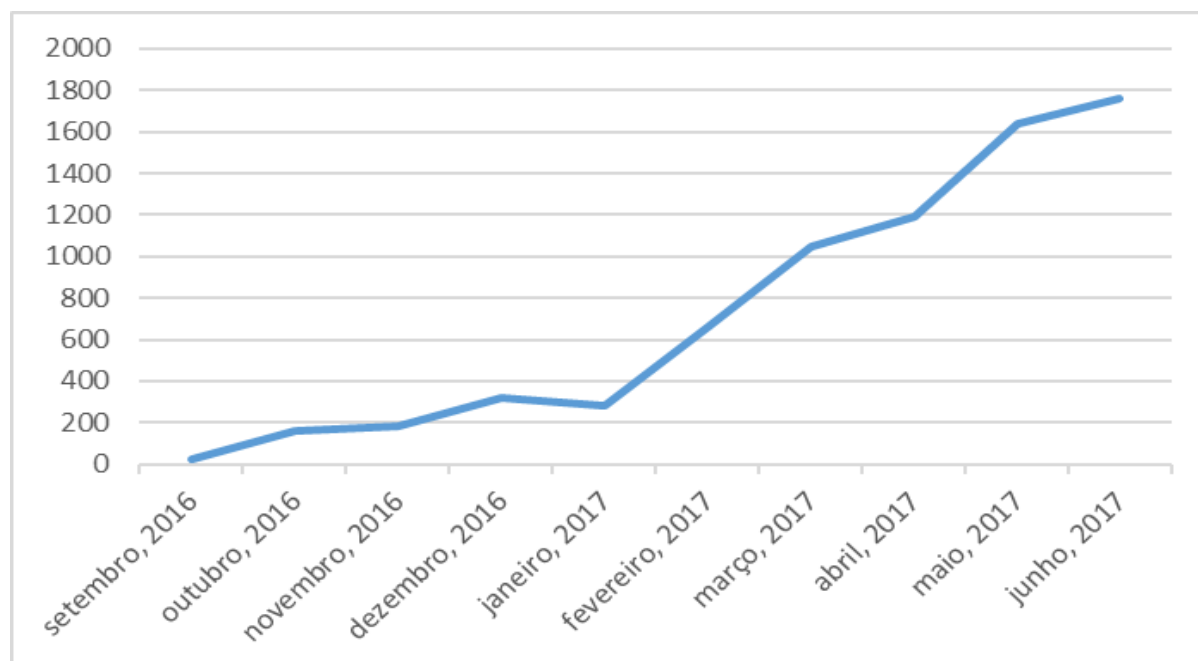


**Fonte:** Elaboração das autoras com dados do BTF.

O segundo indicador é o número total de horas usadas por mês. Isso identifica o volume de negócios no sistema e o número de horas usadas por mês por parte de todos os membros. O número total de horas cresceu lentamente entre setembro de 2016 e janeiro de 2017. No período seguinte, o crescimento foi mais rápido, aumentando o número em aproximadamente seis vezes na primeira metade do ano de 2017.



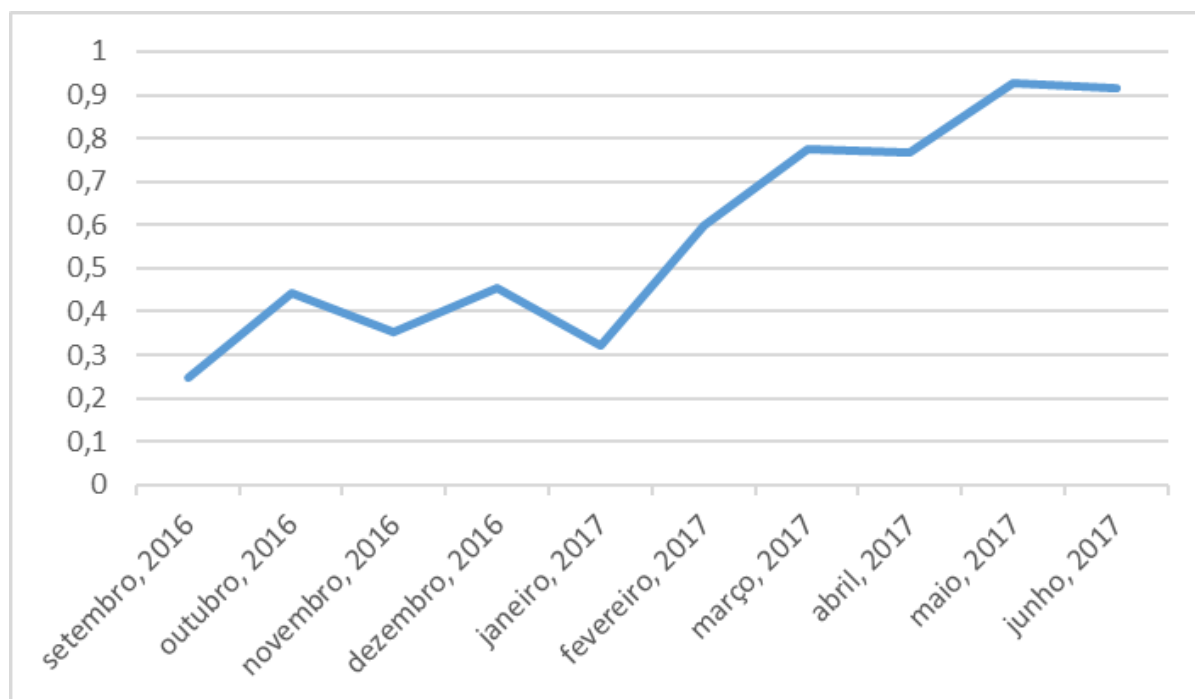
**Figura 2 – Número total de horas utilizadas**



**Fonte:** Elaboração das autoras com dados do BTF.

O aumento do total de horas utilizadas pode ser devido ao crescimento dos membros ativos, que teve incremento constante no período (Figura 1), mas também ao maior uso de créditos do BTF por cada integrante. A Figura 3 testa esta hipótese.

**Figura 3 – Média das horas utilizadas por cada membro**



**Fonte:** Elaboração das autoras com dados do BTF.

A Figura 3 tem forma similar à Figura 2: baixo crescimento entre setembro de 2016 e janeiro de 2017, seguido por aceleração nos meses seguintes. Esse fato indica que o crescimento acelerado do número total de horas utilizadas na primeira metade de 2017 pode ser explicado em função da maior utilização dos créditos do BTF por cada integrante. Com o passar do tempo, e aumento da confiança na organização, cada membro, na média, começou a comprar bens e serviços com mais frequência no BTF.

### **Análise da participação no BTF de acordo com variáveis socioeconômicas**

Os únicos dados socioeconômicos disponíveis diretamente do BTF são gênero, idade e cor da pele. Considerando que os dados socioeconômicos sobre o banco são limitados para uma análise profunda da organização, foram coletadas informações por meio de questionário online<sup>6</sup> aplicado aos membros do BTF. O questionário ficou disponível para ser respondido durante um período de 15 dias na segunda metade do mês de janeiro de 2017.

O questionário recebeu 141 respostas por parte dos membros ativos do BTF, correspondendo a uma taxa de resposta de 16,11%. Para verificar se a amostra

<sup>6</sup> Foi aplicado questionário utilizando a plataforma *SurveyMonkey*.

coletada não é enviesada, um teste de diferença de médias foi feito considerando as únicas variáveis disponíveis da população: gênero, idade e cor da pele.

A Tabela 1 apresenta, de um lado, os números de observações amostrais e populacionais e, do outro, a média amostral e populacional das três variáveis. O teste de diferença de médias indica que podemos aceitar a hipótese de diferença igual a zero entre as médias amostral e populacional com um nível de significância de 99%.

**Tabela 1 – Observações e médias da amostra e da população**

	Observações		Média	
	Amostra	População	Amostra	População
Homem	141	875	0.228***	0.231
Idade	141	716	35.95***	35.06
Branco	141	875	0.810***	0.809

**Fonte:** Elaboração das autoras.

Os asteriscos nas médias amostrais indicam o nível de significância estatística da diferença em médias em comparação com a população. Níveis de significância: \* 10 por cento, \*\* 5 por cento, \*\*\* 1 por cento.

Para fins de comparação entre os moradores de Florianópolis que são membros do BTF e os moradores em geral da cidade, foram utilizados os microdados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua relativos ao primeiro trimestre de 2017. Foi assim possível montar uma base de dados socioeconômicos na qual fossem incluídos seja membros do BTF, seja moradores genéricos da cidade. As características socioeconômicas são gênero, idade, cor da pele, trabalho, informalidade, nível de educação e renda.

A primeira variável é “homem”: é uma variável dummy que tem valor um quando o indivíduo é homem e, valor zero quando o indivíduo é mulher. A variável “idade” é uma variável que indica o número de anos que o indivíduo tinha em 2017. A variável “branco” é dummy: tem valor um quando o indivíduo tem a cor da pele branca ou amarela e, valor zero quando o indivíduo tem cor da pele parda, preta ou indígena. A variável trabalha indica se o indivíduo estava trabalhando no momento da pesquisa (valor um) ou se estava sem emprego e procurando um (valor zero), ou sem emprego e não procurando um (valor zero).

A variável “formal” é uma variável dummy com valor um se a pessoa empregada estava trabalhando com carteira de trabalho assinada e, valor zero se a pessoa empregada estava trabalhando sem carteira de trabalho assinada. A variável “superior” é uma variável dummy com valor um quando o indivíduo tem curso universitário de qualquer nível (graduação, pós-graduação, mestrado ou

doutorado) e, zero quando o indivíduo não tem curso superior. A última variável é “renda>2” a qual indica com valor um que o indivíduo tinha uma renda mensal de dois salários mínimos ou mais e, com valor zero que o indivíduo tinha uma renda mensal inferior a dois salários mínimos.

A Tabela 2 a seguir apresenta os valores médios das variáveis considerando os dois grupos de nosso interesse: membros do BTF e moradores da cidade de Florianópolis.

**Tabela 2 – Médias das variáveis socioeconômicas**

Variáveis	Membro BTF	Morador da cidade
homem	22,78	47,23
idade	35,94	38,36
branco	81,01	84,44
trabalha	89,87	54,74
formal	46,48	80,68
superior	75,95	38,70
renda>2	84,81	57,61

**Fonte:** Elaboração das autoras.

É interessante notar que os indivíduos dos dois grupos, na média, têm características diferentes. No BTF, temos uma maior presença de mulheres (77,22%) que na cidade em geral (52,77%). Os membros do BTF são um pouco mais jovens (em média têm aproximadamente 36 anos), que os moradores da cidade (em média têm aproximadamente 38 anos). Considerando a sucessiva variável (“branco”), podemos ver que, na média, a presença de indivíduos de pele branca ou amarela no grupo do BTF (81,01%) é ligeiramente inferior em relação aos moradores da cidade (84,44%). A variável “trabalha” indica que, na média, 89,87% dos membros do BTF trabalha, enquanto a percentagem relativa aos moradores da cidade é amplamente inferior (54,74%). Considerando esses indivíduos que trabalham, no BTF somente um pequeno grupo trabalha com carteira de trabalho assinada (46,48%), enquanto a percentagem relativa aos moradores da cidade é maior (80,68%). Os membros do BTF, na média, têm com maior frequência ensino superior (75,95%) e renda mensal maior que dois salários mínimos (84,81%) comparando com as percentagens relativas aos moradores da cidade (respectivamente 38,70% e 57,61%).

## Regressão logística

A regressão logística é uma técnica econométrica que tem como objetivo produzir, a partir de um conjunto de observações, um modelo que permita a predição de valores tomados por uma variável binária, a partir de uma série de variáveis explicativas contínuas e/ou binárias (CAMERON; TRIVEDI, 2005).

A Tabela 3, a seguir, apresenta os coeficientes da regressão logística relativos a cada variável explicativa.

**Tabela 3 – Resultados da regressão logística (coeficientes)**

Variáveis	Coefficientes
homem	-0,532***
idade	-0,021***
branco	-0,493**
trabalha	1,074**
formal	-1,041***
superior	0,632***
renda>2	1,043***

**Fonte:** Elaboração das autoras. Níveis de significância: \* 10 por cento, \*\* 5 por cento, \*\*\* 1 por cento.

Considerando esses resultados, podemos notar que as variáveis “homem”, “idade”, “branco” e “formal” têm um efeito negativo sobre a participação no BTF, enquanto as variáveis “trabalha”, “superior” e “renda>2” têm um efeito positivo.

Podemos quantificar o efeito de cada variável sobre a probabilidade de ser membro do BTF por meio da exponenciação do coeficiente. Por exemplo, se um indivíduo é de sexo masculino, ele tem uma probabilidade reduzida de 41,24% de ser membro do BTF em comparação com um indivíduo de sexo feminino. Em outros países, como Estados Unidos e Portugal, as experiências semelhantes também apresentam esse domínio da presença feminina nos empreendimentos (SEYFANG, 2002). Por outro lado, cada ano a mais de idade reduz a probabilidade de participar do Banco de Tempo em 2,13%.

Considerando a variável “branco”, podemos afirmar que, se um indivíduo tem a cor da pele branca, ele tem uma probabilidade de ser membro do BTF reduzida de 38,94% em comparação com outros indivíduos. Além disso, uma pessoa que trabalha aumenta a chance de entrar no Banco de Tempo de 192,70% em comparação com um que não trabalha.

O coeficiente da sucessiva variável, “formal”, indica que trabalhar com carteira de assinada reduz a probabilidade de 64,67% na participação ao BTF.

Uma variável que também pode ser considerada importante em explicar a participação no BTF é “superior”: a probabilidade é aumentada de 88,13% quando o indivíduo tem curso universitário de qualquer nível.

Essas informações sobre os membros do BTF explicitam uma das limitações do empreendimento: os serviços do banco estão concentrados em classes sociais não muito diversificadas, as quais estão inseridas no mercado de trabalho e contam com ensino superior completo, reduzindo a amplitude do alcance do projeto na população de Florianópolis.

Por fim, o indivíduo que tem uma renda mensal de dois salários mínimos ou mais tem uma probabilidade maior de participar do BTF de 183,77%.

Os resultados, em geral, indicam que os membros atuais do BTF têm características socioeconômicas específicas, por isso, seria útil para uma evolução positiva do banco no futuro incentivar a entrada de membros com características diferentes dos atuais.

## **Conclusão**

Os empreendimentos de economia solidária são desafiadores por essência ao proporem uma alternativa ao sistema dominante. Um grupo de trocas estruturado em uma organização que adota valores antagônicos aos princípios da economia de mercado naturalmente gerará resistência para sua aceitação devido à ruptura com essas características tão enraizadas no sistema hegemônico.

O BTF é uma tipologia de moeda social que está nos primeiros estágios de difusão e utilização no Brasil. Considerando o seu rápido crescimento em um breve período, podemos supor que o interesse por esse tipo de moeda social crescerá nos próximos anos.

A análise desenvolvida no artigo evidencia o fato que os membros do BTF têm características socioeconômicas relativamente distintas em comparação com os moradores da cidade de Florianópolis. Em geral, foi mostrado que têm mais probabilidade de serem membros do BTF indivíduos do sexo feminino, mais jovens, não brancos, ocupados, trabalhando no setor informal, com um nível de educação superior e com uma renda mensal de dois salários mínimos ou maior. Esses resultados confirmam a maioria dos resultados sobre bancos de tempo na literatura internacional e podem ser úteis às administrações dos bancos de tempo para criar organizações com membros mais homogêneos do ponto de vista socioeconômico e incentivar assim o número de transações dentro do grupo.

A concentração do BTF em um nicho reduzido da população de Florianópolis limita a possibilidade da organização de inserir as pessoas da cidade em situação de privação no seu sistema de trocas, e conseqüentemente, melhorar as condições de vida desses indivíduos. Como apresentado na revisão da literatura, a integração de pessoas em situação de privação material ao fluxo de trocas dos bancos de tempo é uma das grandes potencialidades desse sistema, uma vez que esse tipo de economia supera a necessidade de um recurso tão escasso a essa população como o dinheiro, e também capacita esses membros em vulnerabilidade social a se integrarem ao mercado de trabalho com treinamentos adequados e o restabelecimento de sua confiança.

### Referências

CAMERON, A. C.; TRIVEDI, P. K. **Microeconometrics**: methods and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

COLLOM, E. Community currencies in the United States: the environments in which it emerges and survives. **Environment and Planning A**, vol. 37, n. 9, p. 1565-1587, 2005.

COLLOM, E., LASKER, J. N.; KYRIACOU, C. **Equal time, equal value community currencies and time banking in the US**. Surrey: Ashgate, 2012.

DOUTHWAITE, R. **Short circuit**: strengthening local economies for security in an unstable world. Totnes: Green Books, 1996.

GESSEL, S. **The natural economic order**. London: Peter Owen, 1958.

HAWAII EXECUTIVE OFFICE ON AGING. **Timebanking feasibility study**: final report. Honolulu, 2014.

JACKSON, T. **Chasing progress**: beyond measuring economic growth. London: New Economics Foundation, 2004.

KEYNES, J. M. **The general theory of employment, interest and money**. London: Macmillan, 1973.

LISBOA, A. M. Economia compartilhada/economia solidária: interfaces, continuidades e descontinuidades. **Revista NECAT**, 6 (11), jan./jun. 2017.

MARKS, M. B. Time banking service exchange systems: a review of the research and policy and practice implications in support of youth in transition. **Children and Youth Services Review**, vol. 34, n. 7, p. 1230-1236, 2012.

ROBERTSON, J. **The new economics of sustainable development**: a briefing for policymakers. London: Kogan Page, 1999.

SEYFANG, G. Tackling social exclusion with community currencies: learning from LETS to Time Banks. **International Journal of Community Currency Research**, vol. 6, n. 1, p. 1-11, 2002.

SEYFANG, G. Growing cohesive communities, one favour at a time: social exclusion, active citizenship and time banks. **International Journal of Urban and Regional Research** vol. 27, n. 3, p. 699-706, 2003.

SINGER, P. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2002.

Endereço para correspondência:

*Michele Romanello* – michele.romanello@gmail.br  
Rua Engenheiro Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n – Trindade  
88040-900 Florianópolis/SC, Brasil

*Kamila Schneider Muller Pereira Ribas* – ksmprk@gmail.com  
Rua Nossa Senhora de Fátima, 683 – Campeche  
88066-020 Florianópolis/SC, Brasil